

O DESAFIO DE FORMAR LEITORES PROFICIENTES POR MEIO DO GÊNERO TEXTUAL CONTOS

Helaine Maria Rolin Abelha

RESUMO: O objetivo deste artigo foi relatar as experiências adquiridas de acordo com a evolução do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Registram-se aqui os comentários sobre os seminários, cursos e disciplinas ministradas; os grupos de trabalho em rede; o material didático produzido e o projeto de implementação da proposta pedagógica na escola. Faz-se uma reflexão sobre a urgência de formação científica, pedagógica e qualificação do profissional da educação básica, como fundamento para sua ação docente, com o intuito de superação das práticas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, contos; prática pedagógica; PDE.

ABSTRACT: This article aimed at reporting the experience acquired in accordance with the evolution of the Program for Educational Development – EDP. Comments are made on the seminars; courses and disciplines taught; the groups for networking and the educational materials produced and the project of implementation of the proposed teaching at the school. Reflect on the urgency of scientific training, educational and professional qualifications of basic education as a basis for their teaching activities in order to overcome the traditional practices.

KEYWORDS: reading, stories, practice teaching; EDP.

INTRODUÇÃO

Tendo como referência as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica da Rede Pública do Estado do Paraná, que propõem como conteúdo estruturante o Discurso enquanto prática social e conteúdo específico Contos contemporâneos, o tema proposto foi Leitura de Contos. Definimos como objeto de estudo contos de alguns autores da literatura brasileira contemporânea. Dentre eles, Dalton Trevisan e Marina Colasanti. Como título, optamos pelo: Diálogo sobre a figura feminina em contos contemporâneos. Acreditamos que essa proposta é interessante e viável, visto que é um gênero textual acessível aos alunos pelo estilo de linguagem e por sua estrutura. Além disso, é também um material de fácil acesso ao professor para poder pôr em prática um estudo mais elaborado de leitura, desenvolvendo atividades de compreensão, interpretação e recontextualização da leitura.

Partindo do princípio de que nem sempre os livros didáticos contemplam as expectativas do professor, procuramos buscar a inovação e sair do senso comum. Para isso propusemo-nos desenvolver o pensamento crítico do aluno por meio de análises contrastivas, comparativas, contextualizadas, sensibilizando-o para os efeitos de sentidos provocados ao se usar tal materialidade lingüística.

Os objetivos deste estudo são: relatar as experiências vividas e adquiridas de acordo com a evolução do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE; comentar sobre os seminários, os cursos e as disciplinas ministradas e os grupos de trabalho em rede; apresentar o material didático produzido e o projeto de implementação da proposta pedagógica na escola.

Justificamos a intenção da pesquisa, por acreditarmos que uma grande maioria dos professores apresenta dúvidas em relação à forma como vêm sendo desenvolvidas as atividades nos livros didáticos e também quanto a melhor forma de refazê-las, pois grande parte delas não está contribuindo para a formação de leitores competentes. A princípio, preferimos discorrer sobre contos por nos identificarmos com esse gênero textual. Depois, por serem textos contemporâneos e breves. Características que, a nosso ver, têm muito em comum com a época em que estamos vivendo, pois o trânsito das informações é muito dinâmico e elas precisam ser absorvidas com rapidez. Sem contar que, para formar leitores competentes, é preciso primeiro conquistá-los e, com enredos envolventes e curtos, a tarefa se torna mais fácil.

Tencionamos discutir, neste trabalho, a contribuição dessa tipologia textual para um enfoque diferenciado, propondo atividades que habitualmente não são encontradas nos textos oferecidos pelos livros didáticos. Muitas vezes, encontramos textos de ótima qualidade, de autores conceituados, mas que, infelizmente, são mal explorados. Para este trabalho, escolhemos a representação diversificada sobre o feminino adulto, especialmente para a 1ª série do Ensino Médio.

Como metodologia de trabalho optamos em realizar inicialmente algumas leituras que nos dessem fundamentação teórica e que possibilitassem conhecimentos necessários à implementação de ensino e aprendizagem de leitura mais condizente

com a realidade em que atuamos ou atuaremos, tendo o ensino fundamental e o médio como referências constantes. A partir da pesquisa e estudo em diversas fontes as quais enfocam a figura da mulher em diferentes textos e autores, sugerimos atividades para serem realizadas em sala de aula, elaborando questões de interpretação que requerem uma compreensão mais aprofundada e sejam interessantes para alunos nesses níveis de aprendizagem.

ABORDAGENS TEÓRICAS.

A TEORIA DO CONTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A teoria que embasou a pesquisa é diversificada. Foram propostas leituras cuja discussão girava em torno de contos. Dentre as leituras sugeridas figuram: “*O Conto do Brasil Moderno*”, de Fábio Lucas; “*Teoria do Conto*” de Nádya Batella Gotlib; “*Conto: Recorte, Velocidade e Intensidade*”, de Luiz Carlos Santos Simon – Tese de Doutorado. “*O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas*”, de Irlemar Chiampi, e “*Alguns Aspectos do Conto*”, de Julio Cortázar. Além da leitura dos contos: “*Apelo*”, de Dalton Trevisan e “*Para que ninguém a quisesse*”, de Marina Colasanti. Entretanto, vamos pontuar nossa discussão teórica em torno dos textos de Cortázar e de Gotlib.

Para Cortázar falar do conto tem um interesse especial, uma vez que todos os países americanos de língua espanhola estão dando ao conto uma importância excepcional, que jamais tivera em outros países latinos como a França e a Espanha. Acredita que é útil falar do conto porque é um gênero que tem uma importância e uma vitalidade que crescem dia a dia, e que é preciso ter uma idéia viva do que é o conto. Muitos, para entender o caráter peculiar do conto, costumam compará-lo com o romance que é aberto, mas o conto por sua vez, parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico, não podendo ultrapassar certa quantidade de páginas. O tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar no leitor uma espécie de “abertura” que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento literário contido no conto.

O autor chama a atenção para o fato de que um conto é ruim quando é escrito sem essa tensão mencionada acima, que se deve manifestar desde as primeiras palavras ou desde as primeiras cenas. “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (CORTÁZAR, 2006, p. 153).

Ressalta também a importância de se distinguir entre o bom e o mau contista. Segundo o autor, “um contista é um homem que de repente, rodeado pela imensa confusão do mundo, comprometido em maior ou menor grau com a realidade histórica que o contém, escolhe um determinado tema e faz com ele um conto”. Contudo, é necessário escolher um bom tema, mesmo que se trate de uma história perfeitamente trivial e cotidiana.

O importante é que o tratamento do tema seja excepcional, inusitado, que consiga envolver o leitor para que saia de si mesmo e entre num sistema de relações mais belo e complexo. Para exemplificar essa complexidade, ninguém melhor do que o próprio Cortázar para fazê-lo: “um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo das palavras, revela-nos sua existência”. O intuito é despertar e solidificar no leitor uma vasta quantidade de sentimentos e até idéias que estavam em sua memória e, até então, não se tinham manifestado. Uma boa escolha trará uma série de qualidades, idéias, sentimentos, enfim, subsídios para garantir o sucesso de um conto.

Assim prossegue questionando-se sobre qual seria a virtude de certos contos serem inesquecíveis e outros de péssima qualidade. Por que alguns perduram na memória, outros não? Talvez suas próprias palavras possam responder.

E esse homem, que num determinado momento escolhe um tema e faz com ele um conto, será um grande contista se sua escolha contiver – às vezes sem que ele o saiba conscientemente – essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana. Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória.

Por outro lado, em outro gesto seu de interpretação, o autor chama-nos a atenção para o fato de que por mais veterano, por mais hábil que seja um contista, se lhe faltar uma motivação consistente, se os seus contos não nascerem de uma profunda vivência, sua obra não irá além do mero exercício estético. Portanto só essas características não bastam, é preciso somar o que foi citado anteriormente aos instrumentos expressivos, estilísticos, que tornam possível essa comunicação.

Nádia Battella Gotlib inicia seu texto dizendo que muitos estudos já foram feitos com o intuito de tentar contar a história da teoria do conto. O que se percebe é que a história é muito mais antiga do que pensamos, pois desde os tempos mais remotos, as pessoas sempre se reuniram para contar e ouvir histórias. Segundo ela,

enumerar as fases de evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da estória de Caim e Abel, da *Bíblia*, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias estórias que existem na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI a.C.), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C.) e inglesa (XVI d.C.); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII). (GOTLIB, 1998, p. 3-4)

E continua:

No século XIV dá-se outra transição. Se o conto transmitido oralmente ganhara o registro escrito, agora vai afirmando a sua categoria estética. Posteriormente, o século XVI mostra o *Héptameron* (1558), de Marguerite de Navarre. E no século XVII surgem as *Novelas ejemplares* (1613), de Cervantes. No fim do século surgem os registros de contos por Charles Perrault: *Histoires ou contes du temps passé*, com o subtítulo de “Contes de ma mere Loye”, conhecidos como *Contos da mãe Gansa*. Se o século XVIII exibe um La Fontaine, exímio no contar fábulas, no século XIX o conto se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais. Este é o momento de criação do conto moderno quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto. Portanto, enquanto a força do contar estórias se faz, permanecendo, necessária e vigorosa, através dos séculos, paralelamente uma outra história se monta: a que tenta explicitar a *história destas estórias*, problematizando a questão deste modo de narrar – um modo de narrar caracterizado, em princípio, pela própria natureza desta narrativa: a de simplesmente *contar estórias*. (GOTLIB, 1998, p. 4-5)

Quanto a esse comentário, é ilustrativo refletirmos sobre a forma como vai apresentando os elementos teóricos e exemplos úteis para a compreensão das características comuns das histórias classificadas como contos. Destaca o percurso do conto - desde suas origens remotas, até sua afirmação como gênero literário.

Na seqüência, procura mostrar como pensar o conto desvinculado de um conjunto maior de modos de narrar ou representar a realidade. Para isso, faz vários questionamentos, tentando evidenciar as diferenciações entre as características específicas do gênero conto com os demais gêneros narrativos, especificamente as características do romance, teatro, cinema e novela. E mais ainda: indaga-se sobre o que teria feito com que muitos aspectos do conto permanecessem fiéis às suas origens, enquanto um tipo determinado de narrativa, apesar de todas as mudanças na história da humanidade, desde a invenção da imprensa, que possibilitou a propagação do texto escrito até a era da informática.

Preocupa-se, também, em evidenciar as várias tentativas de definir o que é conto e de como produzir um conto com qualidade. Muitos escritores atentam para a dificuldade de se escreverem contos, assim como de se explicar o conto. Fato que nos remete primeiramente às palavras de Machado de Assis: “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade”. E prossegue: “e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor”. Posteriormente às de Cortázar, em “*Alguns aspectos do conto*”, refere-se a “esse gênero de tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos”.

E continua:

... “se não tivermos uma idéia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida, travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes”. (CORTÁZAR, 2006, p. 150-151)

Mapeando as várias concepções de conto, Gotlib mostra a maneira como grandes escritores e contistas, por exemplo, Poe, Propp, Cortázar, Machado de Assis e Clarice Lispector, entre tantos outros citados no livro “*Teoria do Conto*”, de Gotlib, flagraram a vida cotidiana de sua época.

Para ilustrar nosso comentário, vamos nos ater a algumas considerações que Edgar Allan Poe faz sobre o conto. A teoria de Poe sobre o conto recai no princípio de uma relação: entre a *extensão* do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o *efeito* que a leitura lhe causa. Diz que se torna imprescindível, então, a leitura *de uma só assentada*, para se conseguir esta unidade de efeito. Referindo-se à prosa narrativa curta, que requer de meia hora a uma ou duas horas de leitura atenta, salienta que

o conto difere do romance, pois este, “como não pode ser lido de uma assentada, destitui-se, obviamente, da imensa força derivada da *totalidade*. Interesses externos intervindo durante as pausas da leitura, modificam, anulam ou contrariam em maior ou menor grau, as impressões do livro. Mas a simples interrupção da leitura será, ela própria, suficiente para destruir a verdadeira unidade”? Não é o que acontece na leitura do conto: “no conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção”. (POE, 1981, apud GOTLIB, 1998, p. 23)

É possível perceber que Poe demonstra um certo controle sobre o leitor, tentando dominá-lo. Segundo ele, a elaboração do conto é produto também de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. A elaboração do conto deve ser produto de um trabalho consciente, feito por etapas para obter como resultado, um efeito único.

Essas considerações atentam já, sistematicamente, segundo a autora, para uma característica básica na construção do conto: *a economia dos meios narrativos*. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido.

Não há um consenso entre os autores sobre a questão da *totalidade de efeito*, uma vez que se mostra mais complicada do que parece à primeira vista. Vale, aí, lembrar que cada leitor tem seu tempo de leitura: uns demoram mais, outros, menos. Então como avaliar se vários leitores serão capazes de ler o mesmo texto em uma única sentada? Por isso, muitos teóricos se opõem à teoria de Poe, porque sentem dificuldade em trabalhar com uma teoria rígida sobre o conto, dada a sua fluidez.

Sobre a *brevidade*, Machado de Assis, em seu texto “Advertência” às suas *Várias histórias*, afirma que juntou esses contos, em função do tamanho, às trezentas páginas do livro. Nessa mesma advertência acrescenta uma declaração de intenções: “aos que acharem excessivos tantos contos”: “É um modo de passar o tempo”. Ele reconhece que: “O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias; é naturalmente a sua qualidade”. E vai além quando expõe a grande vantagem de os contos serem mais curtos, principalmente sobre os romances: “mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos”.

O que nos é pontual neste estudo é mostrar que o conto tem seu valor enquanto texto literário, assim como seu espaço entre os gêneros escolhidos dos grandes escritores. É bastante significativo este seu poder de resistência, vencendo as variações possíveis, sem perder sua estrutura fundamental.

A literatura, seja em quaisquer de suas modalidades, refere-se entre outros aspectos, a textos que mantêm uma relação especial com o mundo. Quando o texto impõe-se como arte e rompe os liames das normas tradicionais, volta-se para a função formadora que é inerente a toda obra de arte literária, realizando o que o crítico Antonio Candido denomina de humanização:

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrarmos nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1989, p.117).

Nessa perspectiva, a literatura auxilia o leitor na decodificação do mundo em que está inserido, colaborando no processo de superação de suas carências. Assim, formar leitores proficientes é a nossa proposta, como também é um dos principais objetivos do ensino de Língua Portuguesa.

PDE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA – RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Para nortear os trabalhos do professor PDE durante os anos de 2007 e 2008, foi elaborada uma programação dividida em quatro períodos com carga horária específica para cada modalidade. Para ilustrar, no primeiro período foram realizadas atividades num total de 304 horas. O período seguinte contou com 384. No terceiro, 128 e no período final, 136, totalizando 952 horas.

O primeiro contato com a Universidade Estadual de Londrina ocorreu no dia 04 de abril de 2007. Foi um encontro com todos os professores PDE¹, divididos em suas respectivas áreas de atuação, para definir os grupos de orientandos e seus respectivos orientadores. Cada professor orientador da IES fez uma explanação sobre sua linha de trabalho, oferecendo a oportunidade para cada professor se adequar à linha de trabalho que melhor contemplasse o seu objeto de estudo. Os encontros de orientação ocorreram mensalmente, num total de quatro orientações por período do programa, ou seja, por semestre.

Em um segundo encontro, o professor Dr. Luiz Carlos Santos Simon iniciou as primeiras orientações referentes ao objeto de estudo de cada professor. Logo que o objeto de estudo Leitura de Contos foi delimitado, o professor orientador sugeriu várias leituras para fundamentação teórica, bem como enfoques e perspectivas

¹ O PDE é um programa de Formação Continuada em Rede que integra as Escolas Públicas Estaduais às Instituições de Ensino Superior – IES. Essa integração se dá por meio da inserção do Professor da Educação Básica nas atividades de formação desenvolvidas no âmbito das IES, como também pelos Professores das IES que intervêm nas Escolas por meio deste professor. O principal objetivo do PDE é proporcionar aos professores da rede pública estadual subsídios teórico-práticos para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas, que possam ser avaliadas em seu processo e seu produto e que resultem em redimensionamento de sua prática educativa. (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Curitiba, Gráfica Oficial, 2006).

diferenciadas para melhor compreensão da leitura literária. Entre as quais: *Valise de Cronópio* – “Alguns Aspectos do Conto”, de Julio Cortázar; *Teoria do Conto*, de Nádya Batella Gotlib; “O Conto do Brasil Moderno”, de Fábio Lucas. Em um outro momento, sugeriu: “Conto: Recorte, Velocidade e Intensidade”, de Luiz Carlos Santos Simon – Tese de Doutorado; *O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas*, de Irlemar Chiampi;

Concomitantemente às indicações de leituras sugeridas pelo orientador, outras foram realizadas para atender ao solicitado pelos professores responsáveis pelos encontros de área específicos. Dentre as quais se encontram: *Leituras Literárias - Discursos transitivos e Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*, de Aparecida Paiva et al; *Elementos de Análise do Discurso*, de José Luiz Fiorin e *Teoria Semiótica do Texto*, de Diana Luz Pessoa de Barros. A princípio, essa bibliografia constituiu o plano de estudos sobre o desenvolvimento do programa.

A primeira atividade resultante dos estudos e orientações do primeiro semestre foi a elaboração de um Plano de Trabalho² que contemplou todas as atividades que o professor PDE deveria desenvolver ao longo dos dois anos do programa. Os demais encontros ocorreram naturalmente e contribuíram sobremaneira para o aprimoramento das discussões em torno do objeto de estudo.

No dia 19 de abril de 2007, na UEL, foi realizado o I Encontro Regional promovido pela Secretaria de Estado da Educação – SEED, juntamente com Superintendência da Educação – SUED, com o objetivo de esclarecer aos participantes sobre a política de Formação Continuada; Concepções Pedagógicas do Programa; Normatização do Programa; Programa e calendário das atividades do 1º período do PDE; Metodologia do Programa de Desenvolvimento Educacional; O Plano de Trabalho: a) Estudos Orientados; b) Material Didático; c) Grupos de Trabalho em Rede e Sistema de Acompanhamento e Integração em rede – SACIR.

² O Plano de Trabalho é um instrumento de planejamento de responsabilidade do Professor PDE, no qual deverão ser registradas todas as atividades realizadas no âmbito do Programa.

O primeiro Seminário Temático ocorreu nos dias 07 e 08 de maio de 2007. O Professor Doutor Newton Duarte (UNESP- Marília) proferiu uma palestra sobre o tema: Conhecimento e Teorias Pedagógicas. Referiu-se Às Pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. Em sua exposição, fez uma retrospectiva histórica da Escola Tradicional à Contemporânea. Em seguida, justificou a inclusão da Pedagogia das Competências no grupo das Pedagogias do Aprender a Aprender, juntamente com o Construtivismo, a Escola Nova, os estudos na linha do “Professor Reflexivo”.

Apresentou-nos vários tipos de pedagogias contemporâneas, para chegar à conclusão de que nenhuma prática realiza de forma pura uma teoria. Contudo, isso não quer dizer que o professor não seja influenciado por uma teoria. Afirma que as teorias pedagógicas influenciam nosso trabalho, por isso precisamos discuti-las. Segundo ele, essas teorias refletem a ideologia e os interesses da classe dominante. Tentaremos esclarecer melhor a teoria do “aprender a aprender” com um recorte do texto do próprio Duarte:

(...) as pedagogias do “aprender a aprender” estabelecem uma hierarquia valorativa na qual aprender sozinho situa-se num nível mais elevado do que a aprendizagem resultante da transmissão de conhecimentos por alguém. Ao contrário desse princípio valorativo entendo ser possível postular uma educação que fomente a autonomia intelectual e moral através justamente da transmissão das formas mais elevadas e desenvolvidas do conhecimento socialmente existente (DUARTE, 2001, p. 36).

E vai além, diz que não há dúvida quanto ao fato de

(...) o “aprender a aprender” ser apresentado como uma arma na competição por postos de trabalho, na luta contra o desemprego. O “aprender a aprender” aparece assim na sua forma mais crua, mostra assim seu verdadeiro núcleo fundamental: trata-se de um lema que sintetiza uma concepção educacional voltada para a formação da capacidade adaptativa dos indivíduos (DUARTE, 2001, p. 38).

Pela citação acima, depreendemos que o autor tece uma crítica radical às teorias que pregam o aprender a aprender porque elas entregam “Cavalos de Tróia” para

os professores e eles levam para dentro da escola, isto é, este lema está vinculado à manutenção de uma sociedade capitalista.

O Dr. Giovanni Alves (UNESP), discorreu sobre: Educação e o Mundo do Trabalho. Como objetivo, apresentou um pequeno esboço sobre as perspectivas da educação profissional diante da mundialização do capital e do novo complexo de reestruturação produtiva do capital. No entender de Alves:

É o conceito de empregabilidade que irá apresentar a *nova tradução da teoria do capital humano* sob o capitalismo global: a educação ou a aquisição (consumo) de novos saberes, competências e credenciais apenas habilitam o indivíduo para a competição num mercado de trabalho cada vez mais restrito, não garantindo, portanto, sua integração sistêmica plena (e permanente) à vida moderna. Enfim, a mera posse de novas qualificações não garante ao indivíduo um emprego no mundo do trabalho. Entretanto, o que o aparato midiático salienta a exaustão é a necessidade dos indivíduos *consumirem* um conjunto de novas competências através de cursos de requalificação profissional. O que ocorre é a operação ideológica sutil de atribuir aos indivíduos, e apenas a eles, a “culpa” pelo fracasso na sua inserção profissional, demonstrando o poderoso recurso da psicologia do neoliberalismo de “culpabilizar” as vítimas. (ALVES, 2007)

Dessa forma, de acordo com o autor, mesmo que todos pudessem adquirir as novas qualificações, o sistema orgânico do capital seria incapaz de absorvê-los. O mercado não é para todos. O capital conseguiu frustrar a promessa de inclusão social dos indivíduos à vida moderna, com a economia de mercado demonstrando ser capaz de crescer e muito, excluindo homens e mulheres. Assim, o trabalhador tem que se adequar às novas exigências de mercado, caso contrário, a culpa é só dele mesmo.

De um modo geral, os professores reforçaram a necessidade de aproximação entre a Educação Básica e a Universidade. Alertaram para a carência de estudos sobre o tema docência e os enfrentamentos atuais como objeto de investigação nos setores que oferecem licenciatura.

As possíveis relações ou contribuições ao meu objeto de estudo foram referentes às questões que dizem respeito diretamente à minha proposta de Plano de Trabalho:

Literatura, especificamente leitura de contos. Na primeira palestra, a fala de Duarte contribuiu muito para que buscássemos a teoria necessária para embasar nossa prática em sala de aula e também alertou sobre a importância da Literatura para a formação do cidadão sensível e humano. Lembrando Lima Barreto, “A literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes”. Assim como a fala de Alves, na segunda palestra, que enfatizou a importância da educação para o mundo do trabalho no século XXI. Para ele, o processo de trabalho está exigindo mais na questão da habilidade e da capacidade. Por isso, nós enquanto educadores, temos a incumbência de buscar qual é a melhor forma de direcionar o aprendizado dos alunos para que consigam tirar o melhor proveito possível da escola.

No âmbito das Instituições de Ensino Superior – IES, o professor PDE cursou disciplinas e participou de seminários. Os resultados dos Cursos/disciplinas ofertados pelas IES, foram muito satisfatórios, pois contribuíram sobremaneira às delimitações do objeto de estudo e ao desenvolvimento dos elementos contidos no Plano de Trabalho. Os professores, com os quais tivemos contato, motivaram-nos a buscar fundamentação teórica para melhorar a nossa prática pedagógica.

A partir do momento em que os cursos iam se realizando, mais claros ficavam nossos objetivos, como também, a segurança de nossa escolha na delimitação do tema a ser desenvolvido. Por meio desses estudos, cada vez mais tomamos consciência de que é compromisso do professor transmitir aos alunos esses novos conhecimentos. Esta experiência, que estamos vivendo, está trazendo muitos avanços e apontando necessidades de realmente se fazer um trabalho diferenciado em sala de aula.

Foram oito os encontros de áreas específicas, divididos em quatro etapas no primeiro período do programa e quatro etapas no segundo. Os assuntos abordados foram bastante abrangentes, contemplando os conteúdos estruturantes de Língua portuguesa: O Discurso como prática social: oralidade, leitura, escrita e literatura.

Nos quatro primeiros encontros, todos nós, professores PDE, apresentamos o título do trabalho. Fomos divididos por grupo de acordo com cada orientador. Cada

membro do grupo falou sobre a proposta de trabalho que pretendia desenvolver e, à medida que concluíam, os professores debatedores contribuíam com sugestões para delimitação e aperfeiçoamento dos temas propostos. Por meio dessas atividades tivemos mais condições de detalhar melhor as nossas idéias e objetivos para nosso Plano de Trabalho, que foi uma das exigências para a conclusão do primeiro período do Programa.

Os demais encontros de áreas específicas foram realizados com o objetivo de esclarecer como elaborar um Objeto de Aprendizagem Colaborativa (OAC) e um Folhas. O primeiro se destina aos professores e o segundo, aos alunos. Os encontros foram muito significativos porque tivemos oportunidade de conhecer em detalhes as especificidades de cada um desses materiais didáticos e de como produzi-los para, a partir de então, optar pela produção de um deles. A produção do material didático encerrou o segundo período do Programa.

As atividades de formação e integração em rede (GTR)³ foram desenvolvidas no segundo e terceiro períodos do programa. A proposta foi dividida em seis módulos. No primeiro módulo, iniciamos os primeiros contatos, apresentação de ambas as partes envolvidas – tutora e alunos do GTR. Cada participante elaborou um perfil de sua auto-imagem que foi disponibilizado ao grupo.

No segundo módulo, foram propostas duas atividades. A primeira, de leitura: As Pedagogias do Aprender a Aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento, de Newton Duarte e a Reestruturação Produtiva, Novas Qualificações e Empregabilidade, de Giovanni Alves. A partir dessas leituras o professor da rede deveria se posicionar, justificando e apresentando a relação com sua disciplina/área de formação/atuação. A segunda, através do Fórum, no ambiente Moodle, deveria estabelecer uma discussão teórico-metodológica acerca do Plano de Trabalho no PDE, o objeto de estudo do Tutor.

³ Os Grupos de Trabalho em Rede – GTR constituem-se numa atividade do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – e caracterizam-se pela interação virtual entre o Professor PDE e os demais professores da rede pública estadual, e busca efetivar o processo de Formação Continuada já em curso, pela SEED/PDE.

No terceiro módulo, foi enviado o Plano de Trabalho a todo o Grupo para socializar o conteúdo, analisar o texto, participar da discussão, destacar a pertinência do tema para a Educação Básica e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, considerando os itens a seguir: a) Título e problematização do tema; b) Descrição do objeto de estudo; c) Fundamentação teórica; d) Encaminhamentos metodológicos e Referências.

No quarto módulo, a proposta do Material Didático - Folhas foi postada, com evidência dos seus elementos constitutivos (objetivos, fundamentação teórica e encaminhamento metodológico). Foram propostas uma análise do material e uma discussão, levando em conta a pertinência da proposta e a viabilidade do tema no âmbito escolar. Após as discussões, os Grupos de Trabalho em Rede – GTR – deveriam enviar sugestões teóricas e/ ou metodológicas para a elaboração de Material Didático do professor PDE. Assim, teceram o seguinte parecer sobre o Material Didático – Folhas:

“Com certeza o material é viável para a sala de aula. O tema é sempre atual, é bom lembrar da mulher afro, além de ser rico em textos que polemizam e atraem a atenção dos alunos no Ensino Médio e vai contribuir muito na abordagem dos conteúdos e atividades”.

“Além de Sociologia e Artes o texto também pode fazer relação com a disciplina de História. Poderia acrescentar mais atividades específicas a essas áreas do conhecimento: seminários de debates, ilustração dos textos e poesias e exposições de trabalhos, desenhos e pinturas, produção de textos, etc”.

“Seria interessante acrescentar textos sobre a exploração que é feita na sociedade capitalista em que vivemos, onde a mulher: seu rosto e seu corpo tornaram-se mercadoria. As meninas estão, cada vez mais e precocemente, preocupadas demais com a imagem exterior. A beleza se tornou sinônimo de maquiagem e cremes. A moda em geral, é semeada e propagada pelos meios de comunicação”.

“São muitos os aspectos a abordar, a História é rica em fatos que mostram suas lutas e suas conquistas. E hoje não dá para deixar fora a discriminação que ainda existe: salários inferiores, toda a responsabilidade de um lar e o trabalho fora dele.

Além de temas como a violência contra a mulher: física e moral; a exploração sexual de meninas: crianças e adolescentes e a gravidez na adolescência. O Folhas, ao trazer imagens que mostram mulheres bonitas, permite também esse debate, uma vez que a maioria de nossas meninas estão preocupadas somente com a “embalagem”.

“Diálogo sobre a figura feminina em contos contemporâneos é sem dúvida um material didático que vai envolver os alunos nos temas”.

“Possibilitar o diálogo com textos em que a figura feminina esteja presente é pertinente, visto que proporcionará discussão e reflexão do papel da mulher na sociedade contemporânea”.

No módulo cinco, foi apresentado ao GTR o texto reestruturado, contendo as possibilidades de intervenção na Escola, conforme a disciplina/área de pesquisa no PDE. Novamente, colocamos em discussão o processo de implementação da proposta redirecionando objetivos, estratégias, rumos, caso fosse necessário. A contribuição dos participantes foi sugerindo outros textos com o mesmo tema, que poderiam ser também analisados e debatidos por alunos das séries finais do Ensino Fundamental. Foi uma troca de experiência enriquecedora, pois é possível perceber que independente da série, é possível desenvolver um tema e obter um resultado satisfatório. E o que determina o sucesso ou não de uma atividade é como ela é proposta e executada.

Por fim, no sexto módulo, propusemos ao grupo elaborar um Plano que contivesse as possíveis formas de implementação da proposta de intervenção na Escola ou área de atuação e encaminhá-lo para o tutor. Também foi proposto participar ativamente dos debates e analisar os resultados da Proposta de Implementação do professor PDE. Os participantes atenderam prontamente ao solicitado. Segundo eles, essa proposta é atraente, visto que o gênero textual conto é acessível aos alunos devido a sua linguagem e a sua estrutura. Além da facilidade ao acesso à grande quantidade de livros, principalmente, de autores brasileiros, os quais abordam temas para desenvolver o pensamento crítico do aluno. Os resultados obtidos foram animadores.

O material didático produzido a partir do segundo período foi um Folhas⁴. O Folhas “Contos Contemporâneos” aborda o Diálogo sobre a figura feminina em textos da literatura contemporânea, notadamente em contos, letra de música e filme. Traz questões polêmicas sobre o mundo feminino clássico, assim como o papel da mulher na sociedade atual. Está relacionado à Arte e à Sociologia. Dentre o universo de contos contemporâneos, escolhemos dois: “Apelo”, de Dalton Trevisan e “Para que ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. A canção selecionada é: “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, e o filme, “O Sorriso de Monalisa”, de Lawrence Konner e Mark Rosenthal.

A partir da pesquisa apresentamos propostas de atividades para serem realizadas as quais oferecessem subsídios para trabalhar as estratégias de leitura e interpretação de contos contemporâneos, cuja temática está relacionada com o feminino adulto. As atividades consistiram basicamente em:

- a) Leitura e interpretação dos textos: “Apelo” e “Para que ninguém a quisesse”;
- b) Debate baseado em algumas questões como: - O título está adequado ao texto?; O que o texto nos oferece para explorar?; Se os textos fossem produzidos em outro gênero textual, surtiriam o mesmo efeito? Contrastar os dois textos e observar as semelhanças e diferenças entre eles.
- c) Para cada autor analisado, foram sugeridas leituras relacionadas ao mesmo tema dos textos.
- d) Audição e interpretação da canção “Mulheres de Atenas”.
- e) Pesquisa sobre os acontecimentos dos anos 50, no mundo.
- f) Assistir ao filme “O Sorriso de Monalisa”.
- g) Análise e compreensão das pinturas: “Les Demoiselles d’Avignon”, de Picasso” e “A primavera”, de Sandro Botticelli.

As atividades “e”, “f” e “g” foram realizadas com a colaboração de professores das disciplinas de Sociologia e de Arte.

⁴ O Folhas é um projeto estruturado em torno do desenvolvimento curricular, da formação inicial e continuada e da valorização dos profissionais da Educação, objetiva viabilizar meios para que professores da Rede Pública Estadual do Paraná pesquisem, aprimorem seus conhecimentos, de forma colaborativa, buscando a qualidade teórico metodológica da ação docente.

Ao concluirmos os trabalhos do Material Didático – Folhas, solicitamos aos alunos que se manifestassem sobre essa experiência nova que viveram. A primeira observação feita por eles, foi que não percebiam o tempo passar e que as aulas terminavam muito rápido. Depois, que gostaram muito da nova forma de aprender os conteúdos, especificamente com relação à pesquisa que foi feita na sala de informática juntamente com o professor. Fato que proporcionou maior segurança a eles e objetividade para selecionarem os conteúdos. Sem contar que conforme iam lendo os textos, além de tirarem as dúvidas com o professor, debatiam os assuntos com os colegas. Segundo eles, foram aulas muito proveitosas e envolventes. Momentos em que adquiriram conhecimentos variados e interessantes.

A Implementação da Proposta de Intervenção – IPE na escola foi programada para ocorrer no terceiro período do programa. Ela consiste em aplicar o material didático produzido, preferencialmente, na 1ª série do Ensino Médio. Como a Proposta de Implementação compreende uma dimensão e um significado muito mais amplo que a mera aplicação do material didático produzido, achamos por bem, iniciá-la com um grupo de estudos, envolvendo professores de diversas áreas do conhecimento.

Para isso, como sugestão de estudo, optamos pelo texto “A pesquisa participante na docência – a busca do diálogo na construção do saber”, de Carlos Rodrigues Brandão, como também, o texto “Alguns Aspectos do Conto”, de Julio Cortázar. Após a leitura, propusemos um debate em que estabelecessem as ligações entre esses textos, especificamente no que se referem às práticas pedagógicas. Foi ressaltada a importância de se ter conhecimento de textos diversos porque eles nos fazem refletir sobre nossas práticas.

O primeiro texto chama-nos a atenção para o fato de como as idéias, as situações e os instrumentos do nosso trabalho podem ser pensados, criados e vividos. E que não podemos ficar presos a idéias e modelos muito estreitos e, não raras vezes, ultrapassados. Coloca-nos que é preciso ousar para sair do senso comum e buscar o conhecimento científico. Para Brandão (1999), “o destino do conhecimento que produzimos deságua, em primeiro lugar numa comunidade cultural chamada educação e, a seguir, nas suas pequenas e insubstituíveis comunidades sociais chamadas escolas, sala de aulas, comunidades aprendentes”.

O texto de Cortazar nos remete para o fato de que precisamos saber o que é o conto. Trocar idéias acerca dele para entender melhor esse gênero textual interessante e, ao mesmo tempo, alvo de preconceitos, por parte dos que ainda o consideram uma literatura fácil, secundária, menor. Contudo, se não tivesse valor literário, todos os países americanos de língua espanhola, como já foi dito anteriormente, não estariam dando ao conto uma importância excepcional.

Em um segundo momento, as professoras fizeram a leitura e discussão sobre os contos: “Apelo” e “Para que ninguém a quisesse”. Foram expostas as questões do Material Didático – Folhas e solicitado a elas que elaborassem outras que trabalhariam com os alunos delas. Dentre as quais citamos:

1. O que você faria se estivesse no lugar da mulher?
2. Você acha que as experiências vividas por elas apenas lhes causaram uma angústia passageira ou alteraram definitivamente suas vidas? Justifique a sua resposta.
3. Quais as características de relacionamento humano que eles mostram?
4. Como é o relacionamento humano das famílias com as quais você convive?
5. Os dois contos podem ser lidos da mesma forma?
6. Quais as informações, os conhecimentos o leitor precisa ter para ler textos dessa natureza?

Ao encerrarmos essa parte apresentamos a produção didático-pedagógica (O Folhas), para apreciação, a qual foi desenvolvida em conjunto, entre os pares. Para tanto, foi elaborado um cronograma que norteou o desenvolvimento da Implementação da Proposta⁵.

O primeiro procedimento feito ao iniciar o projeto com os alunos foi uma explanação dos objetivos e da metodologia utilizados no Folhas – Material Didático. A seguir iniciamos a resolução das atividades contidas na proposta. Os alunos foram bastante receptivos ao propormos a Implementação da Proposta. Dedicaram-se

⁵ O cronograma, na forma como foi executado, encontra-se anexo.

com empenho e responsabilidade a todas as solicitações feitas e às exigências de pesquisas consistentes para compreender melhor o que a proposta exigia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre as atividades desenvolvidas, permite-nos reconhecer que a proposta pedagógica do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE é, sem dúvida nenhuma, excelente, pois oportuniza ao professor da Rede Pública de Ensino do Paraná acesso ao conhecimento por meio do contato direto com os professores das Instituições de Ensino Superior. Em nosso entendimento essa troca de informações de forma coletiva, numa perspectiva que privilegia a interação e o diálogo entre as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, faz do PDE um diferencial a mais, capaz de assegurar a qualidade e a eficácia de todo o processo educacional seja ele presencial ou a distância.

A partir da leitura e do estudo realizados durante essa experiência em retornar à Universidade de forma mais madura e responsável, leva-nos a refletir nossa própria prática de leitura e de docência de leitura, motivando-nos a buscar construir um ensino de leitura mais próximo da realidade necessária à sociedade atual. Observamos que é necessário dominar os conceitos para diagnosticar os problemas que os alunos apresentam, uma vez que o conceito de leitura que nosso aluno tem é aquele que criamos nele. Por isso é comum ouvirmos que não gosta de ler, porque a leitura não faz sentido para ele e esse é o desafio: propor um modo de pensar a leitura como algo que faça sentido.

Temos consciência de que há muito que aperfeiçoar, contudo, todas as contribuições recolhidas nesses dois anos de estudo proporcionaram momentos para refletirmos a nossa prática. Como também nos impeliram a um progressivo amadurecimento do tema abordado o qual não tomou forma de repente, foi sendo construído gradativamente, com contradições, disputas na seleção teórica, desde o início do processo até culminar neste artigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Reestruturação Produtiva, Novas Qualificações e Empregabilidade**. In. Dimensões da Reestruturação Produtiva – Ensaio de Sociologia do Trabalho. Editora Práxis, 2007.

BRANDÃO, C. R. (Org.) **A pesquisa participante na docência a busca do diálogo na construção do saber**. In. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. [s.l.], 1996. Disponível em: <http://rebidia.org.br/direduc.htm>. Acesso em: 20/05/2008.

BUARQUE, Chico – BOAL, Augusto. **Mulheres de Atenas**. 1976 © by Cara Nova Editora Musical Ltda.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. In: FESTER, A. C. R. (Org.). Direitos humanos e ... São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 107 – 126.

CHIAMPI, Irlemar. **O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Vol. 3. nº. 3, 1996. p. 75-85.

COLASANTI, Marina. **Para que ninguém a quisesse**. In: Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro, Rocco, 1986. p.111-2.

CORTAZAR, Julio. **Alguns Aspectos do Conto**. In: Valise de Cronópio. São Paulo, Perspectiva, 2006. p.147-163.

DUARTE, Newton. **As Pedagogias do Aprender a Aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Trabalho apresentado na sessão especial “Habilidades e Competências: a educação e as ilusões da sociedade do conhecimento”, durante a 24ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu (MG), de 8 a 11 de outubro de 2001. Publicado na Revista Brasileira de Educação.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do Conto**. São Paulo, Ática, 1998.

PAIVA, MARTINS, PAULINO, VERSIANI, Aparecida, Aracy Alves, Graça e Zélia (Orgs.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Leituras Literárias: Discursos transitivos**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE**. Curitiba, Gráfica Oficial, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED – PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Língua Portuguesa**. Curitiba 2006.

TREVISAN, Dalton. **Vozes do Retrato**: quinze histórias de mentiras e verdades – 8 ed. São Paulo, Ática, 2002.

SITES CONSULTADOS

1. <http://rebidia.org.br/direduc.htm>.
2. <http://www.seednet.mec.gov.br/artigos/materia.php?id=2&codmateria=261>.
3. www.niee.ufrgs.br/ribie2004/Trabalhos/Comunicacoes/com20-28.pdf
4. <http://www.proec.ufg.br>
5. <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/o88-TC-C2.htm>.
6. http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_a_dist%C3%A2ncia
7. <http://www.proinfo.gov.br>

Helaine Maria Rolin Abelha, aluna regularmente matriculada no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – da Secretaria de Estado da Educação – PR.

Contato: helaine_abelha@hotmail.com

hrolin@seed.pr.gov.br

Luiz Carlos Santos Simon. Professor Orientador do Artigo de conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE.

ANEXO
CRONOGRAMA DE IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA NA ESCOLA

N.	Atividades	Responsável	Local	Datas	Participante	CH
	Implementação da Proposta na Escola - IPE	Professor PDE	Local de Trabalho/ Escola	3º Período	Professor REDE	32
1.	Artigo: Pesquisa na docência, de Carlos Rodrigues Brandão	Professor PDE	Escola	Março	Professor REDE	04
2.	Alguns aspectos do conto, de Julio Florencio Cortázar	Professor PDE	Escola	Abril	Professor REDE	04
3.	Desenvolvimento da produção didático-pedagógica	Professor PDE	Escola	Maio	Professor REDE	12
4.	Desenvolvimento da produção didático-pedagógica	Professor PDE	Escola	Junho	Professor REDE	12